



RESENHA DE “CRÔNICAS ESPECTRAIS, NOTAS SOBRE O TEA”, DE LUCIANO DE JESUS

WALACE RODRIGUES

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

Doutor Humanidades pela Leiden University
Professor da Universidade Federal Fluminense

O professor Luciano de Jesus Gonçalves, amigo querido, pesquisador da literatura brasileira e agora escritor publicado, traz-nos “Crônicas espectrais, notas sobre o TEA”, um livro de crônicas que nasce da descoberta do diagnóstico “tardio” de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Abraçando seu diagnóstico de “atípico” (o melhor é ser diferente, original!), ele dá frutos por meio da literatura.

Lançado pela Editora Patuá (São Paulo, 2024), o livro de Gonçalves traz doze crônicas e um posfácio de Aline Novais de Almeida em cem páginas. Vale ressaltar que a escolha pela crônica não foi aleatória, pois uma crônica pode ser compreendida como um texto breve, uma narrativa curta, muito utilizada na imprensa, em revistas, jornais, etc. É um gênero textual discursivo, narrando, geralmente, situações cotidianas, trazendo elementos do dia a dia.

Sobre o escritor, ele é originário de terras baianas. Gonçalves radicou-se no Tocantins em 2011, tornando-se, mais tarde, um professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), trabalhando no campus de Colinas do Tocantins e, hoje em dia, de Palmas. Ele também colabora, como pesquisador externo do Laboratório de Ensino de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). É doutor em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), trabalhando com a obra de Rawet em suas várias nuances.

Livro de estreia na prosa, Gonçalves (2024, p. 14) se coloca:

Prestes a completar quarenta anos, no ápice de crises da meia idade, um professor de literatura se vê diante da oportunidade de descobrir, ele ensiava, seu eu interior, o seu papel num mundo pós-pandemia. O que se vê de peripécia acontece a partir do momento em que o paciente inicia uma diligência médico-psicológica em torno do aguardado DDD, Dia D do diagnóstico.



Trabalhador habilidoso da palavra e conhecedor de sua sexualidade, ele arremata sobre o ser “preferencial” a partir do diagnóstico de TEA: “Adorado na poesia de Cardozo, no conto de Rawet, na fila do supermercado, o advérbio incomoda e me fere. O ‘preferencialmente’ das filas me confunde, desorienta, ameaça: você não é esse tipo de bicha!” (2024, p. 33).

A fruição por meio da literatura nos revela que a vida também pode ter prazer, tesão, gozo, pois a vida não é só labutar utilizando a literatura (como professor), mas o fazer/produzir/criar literatura também, já que “o plano de escrever um livro ganha ares de autocobrança, insegurança, indefinição” (Gonçalves, 2024, p. 37).

O escritor nos dirá sobre os silêncios (vazios, informes) utilizados na composição de suas crônicas, pois, na vida, nem tudo é som, fala, ruído, mas os silêncios podem nos trazer tempos/espacos de reflexão e compreensão:

E mesmo os silêncios são matéria da escrita/ausências, como no fim da crônica “Achei que era câncer”. Ao perseguir um diagnóstico para o inominável, o desconhecido, aos poucos, fui entendendo, aceitando, melhorando a acentuada desregulação emocional, ouvi de um *expert* (Gonçalves, 2024, p. 48).

Compreendemos que esses “silêncios” podem ter relação com os vazios/informes do filósofo francês Georges Bataille (1897-1962), que dirá:

Um dicionário começaria a partir do momento em que ele não desse mais o sentido das palavras, mas sim suas obrigações. Assim, **informe não é somente um adjetivo com certo sentido, mas um termo que serve para desorganizar, exigindo, geralmente, que cada coisa tenha sua própria forma. Isto que ele nomeia não aponta um caminho fixo e pode ser facilmente despedaçado**, do mesmo modo que uma aranha ou um verme. De fato, para o contentamento dos acadêmicos, seria necessário que o universo tomasse forma. Toda a filosofia tem apenas um objetivo: trata-se de dar uma roupagem ao que já existe, uma roupagem matemática. Por outro lado, afirmar que o universo não se assemelha a nada e que ele não é nada além de informe retoma a afirmação de que o universo é algo como uma aranha ou um escarro. (Bataille, 1970, p. 33, grifo nosso)



Fonte: Editora Patuá, 2024.

E sua minicrônica “Sobre deus-pai ciumento, invejoso e vingativo”? Aí os silêncios se instalam e nos “falam”. As ausências também são espaços ativos dentro do texto literário, como bem nos ensinou o poeta e crítico literário francês Stéphane Mallarmé (1842-1898) e como lemos na citação anterior de Bataille.

A obra de Gonçalves é um livro de leitura fácil, fluida, agradável, que faz com que o leitor se torne cúmplice do cronista. Quem o lê vai compreendendo os “dilemas” do escritor, crônica a crônica, autobiográfica, mas sem grandes dramas ou complexidades desnecessárias. A diretividade da escrita de Gonçalves nos afeta e nos emociona.

Influenciado pela obra de vários autores, como Samuel Rawet, objeto de sua tese de doutorado intitulada “‘Picado pelo micróbio do teatro’: as variações do crítico em Samuel Rawet”, defendida em 2022, Gonçalves está acostumado aos meandros da literatura brasileira e de sua crítica.



Ainda, as consequências dos diagnósticos de TEA podem ser imprevisíveis para pacientes, pais e/ou responsáveis, mas é necessário que a sociedade caminhe para uma direção de respeito nas relações sociais, como bem nos diz Rodrigues:

[...] vemos a necessidade de humanização das relações de sociais e de poder na atualidade, fazendo com que as pessoas tenham mais empatia umas com as outras, compreendendo as diferenças como riquezas para fortalecer relações sociais e culturais, algo muito distante das impiedosas marcas deixadas pelo capitalismo acrílico em nossas sociedades e corpos. (2021, p. 53)

Para Gonçalves, seu diagnóstico acabou por ser algo extremamente frutífero, daí o livro a que nos referimos aqui. Sua escrita eficaz, eficiente, algumas vezes direta e em outras vezes com lacunas, vácuos para pensar, faz-nos seus cúmplices na descoberta dos aspectos da vida com TEA, fazendo com que entendamos mais sobre este transtorno, mas que sejamos cúmplices das buscas humanas de cada pessoa com quem compartilhamos o mundo, os espaços e as experiências.

Referências

BATAILLE, Georges. **Le dictionnaire critique**. Orléans: Éditions Gallimard, 1970.

GONÇALVES, Luciano de Jesus. **Crônicas espectrais, notas sobre o TEA**. São Paulo: Patuá, 2024.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre temas da atualidade a partir do filme “O cheiro do ralo”. **Revista Humanidades & Educação**. Imperatriz (MA), UFMA, v. 3, n. 5, p. 45-55, jul./dez. 2021.